

ESCOLA, ALUNO E APRENDIZAGEM: RELAÇÕES EXISTENTES

Leia Trindade Costa¹

RESUMO: Este trabalho, essencialmente bibliográfico, teve o objetivo de investigar as relações existentes entre escola, aluno e aprendizagem, com ênfase nas práticas pedagógicas. A pesquisa enfatizou as discussões acerca da aprendizagem, bem como a relação entre professor e aluno, sem perder de vista a escola e a família. A coleta de dados constou de levantamentos bibliográficos em revistas, artigos científicos e livros sobre a temática investigada, os quais puderam dar subsídio teórico à pesquisa. A escolha do tema foi motivada considerando a necessidade de aprofundar os estudos sobre o assunto. Os resultados sinalizaram que a relação entre professor e aluno deve ser reconhecida de maneira favorável para que o conhecimento seja construído com base no autoconceito e na autoestima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno. Aprendizagem. Práticas Pedagógicas

SCHOOL, STUDENT AND LEARNING: EXISTING RELATIONSHIPS

ABSTRACT: The present work, essentially bibliographical, aimed to investigate the existing relationships between school, student and learning, with an emphasis on pedagogical practices. The research emphasized discussions about learning, as well as the relationship between teacher and student, without losing sight of the school and the family. Data collection consisted of bibliographic surveys in journals, scientific articles and books on the subject investigated, which could provide theoretical support to the research. The choice of the theme was motivated, considering the need to deepen studies on the subject. The results indicated that the relationship between teacher and student must be recognized in a favorable way so that knowledge is built based on self-concept and self-esteem, linked to representations and expectations about the educational process.

KEYWORDS: Student. Learning. Pedagogical Practices.

1. INTRODUÇÃO

A família e a escola representam as primeiras instituições onde a criança convive e se desenvolve. É nestes ambientes que a criança deve encontrar as pessoas importantes para o seu desenvolvimento: pais, avós ou responsáveis por sua educação, bem como os professores. Caso estes adultos não estiverem abertos para uma educação responsável, possivelmente alguns problemas surgirão. É no seio familiar, por exemplo, que a criança experimenta os primeiros passos para o desenvolvimento da autoestima. Portanto, é papel fundamental dos pais ou

¹Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais. Professora. E-mail: leiacosta2006@hotmail.com

responsáveis criar ambientes favoráveis a esta necessidade, sem perder de vista a especificidade de cada criança, o seu ritmo, pois ela dependerá de interações saudáveis e troca de experiências.

Na sociedade contemporânea, a função da escola ganha força e, evidentemente, mais responsabilidade, dada a necessidade de oferecer uma educação de qualidade. Além deste fator, destaca-se a necessidade de garantir práticas que possam contribuir para a motivação e vontade de aprender dos estudantes.

O presente trabalho, essencialmente bibliográfico, tem o objetivo de investigar sobre as relações existentes entre escola, aluno e aprendizagem, com ênfase nas práticas pedagógicas. A pesquisa enfatizou as discussões acerca da aprendizagem, bem como a relação entre professor e aluno, sem perder de vista a escola e a família. A coleta de dados constou de levantamentos bibliográficos em revistas, artigos científicos e livros sobre a temática investigada, os quais puderam dar subsídio teórico à pesquisa.

A escolha do tema foi motivada considerando a necessidade da pesquisadora em aprofundar estudos sobre o assunto. Os resultados sinalizaram que a relação entre professor e aluno deve ser reconhecida de maneira favorável para que o conhecimento seja construído com base no autoconceito e na autoestima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo.

Falar de aprendizagem no ambiente escolar é essencial, visto que nele há alguns desafios como: dificuldade de aprendizagem, evasão escolar e reprovação. Tudo isso merece uma atenção especial por parte de governos, instituições e comunidades. A escola representa um espaço privilegiado para a aprendizagem porque é nela que a criança mantém contato social com os colegas, professor e demais pessoas que nela trabalham.

Assim, a equipe da escola deve ser parceira neste processo, ou seja, ser mediadora de cultura e incentivadora da aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem não devem ser evidenciadas com rigor, mas analisadas com foco na busca por alternativas viáveis por todos os envolvidos no processo.

2. UM POUCO SOBRE FAMÍLIA, ESCOLA E APRENDIZAGEM

O amor dos pais e da família é fundamental para o crescimento saudável da criança. A qualidade no afeto garante, essencialmente, segurança aos pequenos. A sociedade contemporânea consome o tempo da família, uma vez que esta necessita trabalhar para se sustentar. Tal fato resulta na ausência dos pais na educação dos filhos.

Outros sobrecarregam as crianças com atividades diárias diversas: futebol, balé, lições de casa. Desse modo, os pequenos são privados de fazer o mais importante que é brincar. Não que as atividades citadas anteriormente não tenham a sua importância, mas devem ser adequadas de acordo com o tempo da criança, que necessita ter amigos, socializar, conviver.

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, sinaliza que a educação é dever do Estado e da família. Portanto, a educação inicia-se no seio familiar, onde são aprendidos os valores humanos necessários ao convívio social. A escola ensina as disciplinas do currículo e reforça os ensinamentos familiares.

São vários os estudiosos que preconizam a educação desde os primeiros anos de vida, uma vez que na adolescência essa tarefa se torna mais difícil, pois o adolescente já tem um pensamento e vai colocar aquilo que aprendeu, independente se forem coisas negativas ou positivas. Coisas simples, como ensinar uma tarefa de casa, a dizer obrigado, fazem toda a diferença na vida de uma criança que está formando a sua personalidade.

Por isso, caberá aos pais ou responsáveis pela criança ensinar o filho com base no diálogo e na afetividade, ou seja, os valores éticos e de cidadania devem ser transmitidos, como também o respeito ao meio ambiente. Isso tornará a criança um adulto flexível e consciente de seu papel na sociedade. No contexto dessa discussão, vale ressaltar as mudanças surgidas na estrutura familiar, onde todos os seus membros ocupam um lugar de responsabilidade na realização das tarefas domésticas.

[...] A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL, 1998, p. 22).

Destaca-se, ainda, a velocidade do desenvolvimento tecnológico que contribui para que as crianças fiquem cada vez mais conectadas ao mundo virtual e percam o interesse pelos estudos e a convivência familiar. Muitas famílias advindas de classes sociais baixas trazem em seu bojo pais que nunca ou pouco frequentaram a escola e com pouco hábito pela leitura. Este fato dificulta o próprio acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Quando a criança não aprende conforme as expectativas da família, da escola e dela mesma, ocorre a dificuldade de aprendizagem. Assim, “antes que os problemas se agravem,

faz-se necessário que se identifique as causas dessa dificuldade para evitar assim, crianças desmotivadas e infelizes e também famílias frustradas” (FURTADO, 2007, p. 3).

As crianças por si só não sabem avaliar os acontecimentos ao seu redor, sejam eles bons ou ruins. Por isso, os pais devem compreender que além de liberdade, em cada etapa do seu processo de desenvolvimento elas necessitam aprender a superar desafios, e somente com a ajuda e a intervenção dos adultos isso será possível. À medida que vão crescendo, as crianças exigem da família mudanças na maneira de conduzir o seu desenvolvimento.

É evidente que a forma correta de educar os filhos está longe de existir, uma vez que não há perfeição entre os pais, nem tão pouco nos filhos. A convivência familiar demanda superação de barreiras, cercadas por muitos erros e muitos acertos. No entanto, bons exemplos é o que se espera dos pais ou responsáveis.

É muito triste ser um modelo de covardia e intolerância, mas o esforço para ser um modelo de autoridade ética e respeitosa pode gerar bons frutos se aliada ao bom senso e à harmonia familiar. “É necessário que a escola procure comprometer-se não apenas com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas principalmente com seu desenvolvimento sócio emocional” (MELO, 2014, p. 18).

O que uma criança pensa a seu próprio respeito vai depender do que as outras acham dela, assim como todas as experiências vivenciadas vão contribuir para aumentar ou diminuir sua autoestima. As experiências que resultam em satisfação, conforto, alegria e motivação para aprender mais vão compor uma autoestima positiva.

As experiências vão acontecendo ao longo do desenvolvimento, onde o indivíduo internaliza as formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que atividades externas, funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (OLIVEIRA, 2012, p. 27).

Já as que resultam em castigo, rótulos e estigmas contribuirão para a formação da baixa autoestima. Portanto, quando a criança acredita em si mesma e se considera capaz de realizar tarefas diversas, certamente terá êxito em suas atividades diárias, fato este que contribuirá para o seu desenvolvimento. Caso isso não aconteça, poderá ser conduzida ao fracasso ao longo da vida.

Outro fator que merece destaque nesta discussão é a comparação entre as crianças, que geralmente os adultos fazem. Cada um tem seu potencial, sua especificidade e a capacidade de produção. No contexto da afetividade, vale incluir diariamente a orientação à criança, sem,

contudo, dar valor absoluto à individualidade, à competitividade. Ela precisa compreender que é capaz, independente do outro.

Contudo, educar não é tarefa fácil, é, na verdade, um desafio. Especialmente quando se refere à sociedade moderna e suas transformações mais recentes: ruptura de muitos valores, divórcio, instabilidade empregatícia dos pais e outros. A família neste momento tem muitas responsabilidades e obrigações que devem ser cumpridas, caso contrário, os problemas sociais e educacionais tenderão a aumentar ainda mais.

Diante do exposto, os pais, responsáveis pela criança, bem como os professores, devem estabelecer padrões favoráveis de convivência a fim de que os pequenos se sintam seguros de si. Para tanto, é fundamental que sejam seguidos os valores e crenças nos quais acreditamos, sem perder de vista a ética e a moral. Estes são princípios básicos que devem ser ensinados na família e na escola, pois são legados que determinam, com certeza, o futuro da humanidade.

É na relação professor-criança que precisa estar presente a escuta sensível. A escuta sensível do professor torna-se uma dimensão de qualidade na educação, por ser uma facilitadora do desenvolvimento e aprendizagem da criança. (NUNES, 2009, p. 53).

Os pais de adolescentes enfrentam uma das experiências mais estressantes de todas, eles defrontam com a difícil tarefa de orientar jovens no centro de uma transição da infância para a adolescência, fase dramática e turbulenta, em meio a tantas informações advindas dos diversos meios de comunicação, inovações tecnológicas. Os filhos necessitam ter uma imagem positiva deles próprios para terem sucesso na vida escolar, na vida social e na vida afetiva, porém, as formas com que os pais percebem e definem a si próprios, muito influenciará em como estes jovens desenvolverão a autoestima.

Quanto mais cedo a criança for educada no ambiente familiar, maior será a eficiência da educação escolar, haja vista que o lar é a primeira escola do filho. As crianças precisam ser protegidas, porém, de forma equilibrada e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, construindo sua autonomia.

A medida em que se apreende o objeto do conhecimento, aumenta-se o desconhecimento, constata-se assim a busca de novos conhecimentos. Ambos circuitos, o do desejo e o da inteligência, enfrentam-se com a falta, com a carência. (FERNANDEZ, 2016, p. 74).

Educar não é tarefa fácil, os pais precisam ter sabedoria para dizer o sim e o não, ouvir quando necessário e não formar julgamentos de maneira precipitada. O diálogo é indispensável

na relação entre pais e filhos. Para que a criança aprenda a discernir o que é bom do que é ruim, o não do sim, ela precisa ter uma base sólida, ter uma infância estruturada, equilibrada em todos os aspectos: afetivos, cognitivos e psicomotor.

As crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. (SARMENTO, 2014, p. 10).

Assim, a criança necessita de um atendimento integral no qual os pais precisam ter tempo para ouvir, observar não só as palavras, mas também gestos, movimentos e emoções para que possam corresponder às reais necessidades, certificando-se de que a criança saciou sua vontade. É evidente a amplitude dos resultados positivos advindos da aproximação dos pais com os filhos. “As experiências vivenciadas, a troca de repertórios entre a criança e o adulto, imprime ao cotidiano familiar a possibilidade de desenvolver as capacidades individuais” (REGO, 2007, p. 110).

As crianças precisam se abastecer de cuidados, carinhos, serem ouvidas e vistas como alguém importante. Dessa forma, é preciso que a escola e o professor tenham este mesmo olhar, esta mesma atenção e valorização para com os pequenos ao chegarem à escola, pois quanto melhor for o atendimento, melhor também será a aprendizagem dos ensinamentos que a ela forem direcionados.

É nas vivências cotidianas que as crianças aprendem. No período de formação da personalidade infantil, os princípios familiares e escolares exercem função importante, pois as interações da criança com o meio podem influenciar o seu jeito de ser e agir.

2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Tendo em vista que o bom ensino é aquele que se volta para os aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos, é de extrema importância que o aluno seja visto e valorizado em sua totalidade. Para que a escola possa cumprir seu papel, ela precisa de um Projeto Político Pedagógico elaborado sistematicamente, que defina, entre outras coisas, valores coletivos, o que deve transparecer no seu relacionamento com os estudantes, família e comunidade escolar de modo geral. Conforme esses valores vão sendo internalizados, todos os colaboradores, e não apenas a equipe pedagógica, devem ser motivados a executá-los. Trabalhar numa escola implica estar comprometido com seu objetivo maior, que é educar.

O trabalho pedagógico em equipe cria vínculo entre os membros, emergindo um clima de corresponsabilidade, um compromisso permanente com a qualidade do ensino. Assim, a escola terá condições de encontrar sua identidade enquanto instituição social. O aluno no Projeto Político Pedagógico precisa ser valorizado, deve ser o elemento principal para que aprenda a sentir prazer pelas atividades realizadas na escola, sentir-se amado por todos, de modo que a manifestação de confiança seja uma constante em sua rotina. O papel do professor e da escola é auxiliar o aluno a desenvolver suas capacidades, superar limites, estabelecer relações de convívio social, construir e produzir conhecimentos.

O projeto educativo é o passo mais importante para direcionar a ação do processo ensino aprendizagem. Em conjunto, todos que fazem parte do processo educativo devem debater a respeito das prioridades de seu trabalho, definir os resultados a serem obtidos e elaborar um instrumento de auto avaliação. (BRANDEN, 2014, p. 261).

Os maiores traumas são adquiridos nos bancos escolares, diante de um sistema de avaliação arcaico e preconceituoso, onde o aluno não é valorizado e nem respeitado em sua diversidade sociocultural, além do mais, os conhecimentos prévios são de pouca relevância. Isto gera a queda da autoestima e conseqüentemente resultados negativos na aprendizagem. Assim sendo, as expectativas que os pais, os professores e a equipe escolar tendem referente à criança são essenciais para o seu desenvolvimento.

A escola pode tornar-se um contexto bastante propício e até facilitador do comportamento depressivo. Vale ressaltar que tanto as emoções positivas quanto as negativas acabam interferindo na vida acadêmica do aluno, daí a importância de conhecer cada vez mais essas influências. Para tanto, a escola deve focar suas ações pedagógicas pautadas em propostas contemporâneas de transformação no ambiente escolar, objetivando torná-la um espaço para a formação de indivíduos capazes de realizar projetos de vida. Em razão disso, a afetividade direcionada aos interesses controla a quantidade de energia empregada em cada ato, em razão dos sentimentos que esse ato desperta no indivíduo.

Tais propostas colocam os estudantes desde cedo no papel de definir, planejar, executar e avaliar projetos de seus interesses. Haja vista que os maiores problemas acadêmicos enfrentados pelas crianças no processo de escolarização podem ser vivenciados como situação de fracasso, visto que a não obtenção de êxito diante das demandas escolares pode gerar sentimento de frustração e comportamentos desajustados.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Ser professor não é tarefa fácil, no entanto, pode ser prazerosa quando se faz porque gosta, o que não exclui a necessidade de ser uma pessoa aberta às inovações, que goste de estudar, pesquisar, que realmente tenha compromisso com a educação, que seja capaz de se relacionar consigo mesmo, aceitando, incondicionalmente, suas próprias diferenças e tenham uma visão essencialmente positiva da vida e das relações humanas.

Quando o aluno acredita e confia em seu professor, muitos problemas podem ser solucionados, principalmente quando este se sente valorizado e respeitado. Para tanto, o professor precisa ser motivado e acreditar em seu potencial, ter uma autoestima elevada e bem alicerçada, pautada nas inovações, na auto realização e no auto conceito, para, com isso, sentir-se responsável e competente para exercer a sua profissão, acreditando em sua própria capacidade.

O educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. (GADOTTI, 2009, p. 12).

À medida que o educando se sente de posse do seu processo de aprendizagem e se torna o polo central dele, ele se mobiliza para a busca do saber. O educador deve permitir que a autonomia do educando avance, eleve o discente ao desenvolvimento da percepção do mundo e do outro integrando as três dimensões: respeito-mútuo, relações de poder, limites e autoridade.

A articulação dos aspectos afetivos e intelectuais, internos, externos, individuais e coletivos no processo de aprendizagem requer novas matrizes, novas formas de conhecimentos que permitam esta integração. Nas últimas décadas, percebe-se uma despersonalização da escola e conseqüentemente do professor, exigindo uma mudança nas estratégias profissionais do docente.

Analisando a relação professor aluno em um processo de aprendizagem em que ambos aprendem juntos um com o outro, onde o aprender a aprender é construído coletivamente a partir do conhecimento e experiências vivenciados em ambientes e situações diversas, faz-se necessário o reconhecimento e a valorização ao diferente. “O fato sabido é que quando esperamos pouco ou quase nada de uma situação, ou indivíduo, investimos menos energia em sua realização” (FERNANDES, 2016, p. 52).

Esta afirmação leva a uma reflexão acerca das altas expectativas que se deve ter referente ao potencial de cada aluno, mas para que esta pedagogia possa de fato emergir no ambiente escolar, deve haver, concomitantemente, um trabalho de valorização, respeito e motivação do docente.

Professores motivados renovam suas práticas, investem tempo em novos estudos. Contudo, a relação professor e aluno acerca da ação pedagógica não está presente apenas no caráter acadêmico e de transmissão de conhecimentos, e requer preparação do professor a partir da perspectiva de seu próprio crescimento pessoal e profissional.

Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência da sua inconclusão é que gerou a sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. (FREIRE, 2012, p. 64).

Contudo a responsabilidade do professor torna-se tema de reflexão e ação generalizada, objetivando uma participação maciça para buscar formas, soluções, recursos e motivação que levem à promoção de programas de melhoria psíquica preventiva do professor.

Outro aspecto que merece destaque no contexto desta discussão é a ideia de que o professor, ao entrar na sala de aula, leva consigo a sua visão de mundo, o seu modo de enxergar a si mesmo e isso, de certo modo, influencia em seu trabalho, seja de maneira positiva ou negativa. Da mesma maneira, os alunos levam consigo suas experiências e seu modo peculiar de viver, constroem representações sobre seus mestres. Esta relação deve ser reconhecida de maneira favorável para que o conhecimento seja construído com base no autoconceito e na autoestima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo.

O educador deve, portanto, desenvolver um senso de responsabilidade nos alunos e ter valores de formação humana. É preciso repensar a formação que teve e quer ter, bem como na autoimagem que constrói e a que, verdadeiramente, almeja. A definição de escola é apresentada por vários pesquisadores, dentre eles cita-se Cury (2015, p. 87), que afirma “ter a escola uma responsabilidade social significativa tendo em vista a sua função é de fato, fortalecer o elo entre as relações sociais presentes em contextos sociais diversos”.

De fato, a educação, entendida como uma prática social, ocorre nas relações estabelecidas socialmente entre os indivíduos advindos das mais diferentes sociedades, ou seja, em movimentos sociais ou em instituições. Nesse processo de convivência e interação o homem se torna capaz de criar estruturas sociais que aos poucos vão se solidificando. Sobre a relação existente entre o homem e o mundo, Freire (2012, p. 49) sinaliza que “a escola que é

criação do próprio homem somente se legitimará quando de fato cumprir a finalidade para a qual foi criada”.

Para tanto, faz-se necessário que ela se constitua em um espaço de sociabilidade bem como a formação de sujeitos históricos dotados de conhecimentos próprios, capazes de produzir seus próprios saberes.

A escola refletiu sempre o seu tempo e não podia deixar de refleti-lo, ou seja, sempre atuou de modo a atender as expectativas e necessidades de um regime social determinado e, se não tivesse sido dessa maneira, teria sido descartada (PISTRAK, 2015, p. 29).

Se cada sociedade considerada em certo momento histórico do seu desenvolvimento impõe um tipo de educação, é necessário que se conheça então o momento histórico desta sociedade, isto se quiser conhecer de fato o seu sistema de ensino, de modo especial diante da necessidade de reverter o processo em que se está mergulhado.

Em outras palavras, todos os sujeitos que fazem parte do processo da educação necessitam compreender que a escola é também um espaço contraditório e necessita de uma proposta pedagógica e também política onde sejam inseridos todos os seus objetivos, intenções e metas. Nessa direção, há também que afirmar a necessidade de compreender se o ato educativo está vinculado às concepções autoritárias ou democráticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais compartilham com essa ideia ao afirmar que

A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação”. (BRASIL, 1997, p. 25).

Entretanto, a gestão escolar exerce influências expressivas nesse contexto, pois além de gerir processos administrativos, deve administrar os processos político-pedagógicos, de modo a envolver os diversos segmentos da escola. Na perspectiva dessa participação coletiva, a escola difunde conhecimentos necessários à formação das novas gerações.

De acordo com a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a educação deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. O documento sinaliza que a educação é dever da família e do Estado e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Como se pode observar, a lei é clara ao afirmar que educar é responsabilidade da família e do Estado. Portanto, no âmbito escolar, o espaço da sala de aula oportuniza as mais diversas interações, onde o professor é o mediador. Desse modo, como descreve Freire (2003),

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. (FREIRE, 2012, p. 103).

Desse modo, considera-se indispensável a parceria entre escola e família no sentido de garantir a boa formação dos estudantes, porém, há que se compreender também que por mais que a escola assuma a responsabilidade pela educação, não suprirá a família. Os Parâmetros Curriculares Nacionais descrevem com clareza sobre as vantagens do processo educativo no contexto de formação dos indivíduos:

No processo educativo, o aluno vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado, para dialogar de maneira competente com a comunidade, aprender a respeitar e a ser respeitado, a ouvir e a ser ouvido, a reivindicar direitos e a cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social e política do País e do mundo. (BRASIL, 1997, p. 48).

Diante do exposto é imprescindível que a escola garanta aos alunos a aprendizagem de conhecimentos e habilidades necessários para um convívio social saudável. Trata-se, portanto, de aprendizagens que se referem, dentre outras, ao domínio dos conteúdos culturais básicos, da leitura e da escrita, das ciências, das artes, das letras, sem perder de vista a ideia de que não basta apenas transmitir os conhecimentos, mas torná-los significativos para o aluno.

Sabendo que o fundamental da atuação docente é promover a aprendizagem dos alunos, o professor reconhece a importância de envolvê-los, mobilizar seus processos de pensamento, explorar todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem, fazer e refazer percursos, criar e renovar procedimentos visando sempre seus alunos reais, que formam um grupo com características próprias. (CENPEC, 2012, p. 2).

É inquestionável a importância do professor na formação do aluno, pois uma vez que a escola tem o compromisso social de ir além da mera transmissão de conhecimento, caberá ao educador subsidiar os educandos com elementos que possam contribuir para o desenvolvimento de suas capacidades na busca por informações, além de uma aprendizagem permanente.

Giroux (2007, p. 65) assevera que “trabalhar em sala de aula significa aprender a viver em agrupamentos. Aliado aos valores predominantes do sistema educacional, isso tem implicações profundas para a educação social estabelecidas nas escolas”. Igualmente significativo é o fato de que as escolas são ambientes avaliadores, e o que o estudante aprende não é simplesmente como ser avaliado, mas como avaliar a si mesmo e também os outros.

É fundamental que a cada momento o professor instigue o aluno a pensar, argumentar e tirar suas próprias conclusões. Para tanto se faz necessário a adoção de procedimentos didáticos participativos, desafiadores e que problematizem os conteúdos e estimulem o aluno a pensar. Nessa mesma direção, vale ressaltar a importância da cidadania, a qual está estreitamente relacionada à formação de valores e atitudes. São, portanto, elementos indispensáveis na formação de todo e qualquer indivíduo.

Valores são fundamentais ao desenvolvimento humano. Valores são guias de ação e influenciam o modo pelo qual as pessoas elegem suas prioridades e tomam suas decisões. Assim, valores impregnam comportamentos e normas sociais e estão na base do que as sociedades decidem fazer para se desenvolver. (BRASIL, 2010, p. 5).

Portanto, é função da escola oportunizar o ensino de valores que possam direcionar a vida dos estudantes. Há que se pensar em um currículo que contemple a formação de valores, uma vez que a construção de uma escola democrática, competente e de qualidade é uma exigência social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das discussões acerca da aprendizagem, vale considerar que muitas vezes os educadores, ao lidar com as dificuldades de aprendizagem, culpam os alunos por seu fracasso, pois a falta de preparo dos docentes e a precariedade das condições funcionais da escola, entre outros fatores, são apontadas como causas do fracasso escolar atribuídas aos problemas individuais dos alunos, ou seja, utiliza-se a estratégia de culpá-lo pelo próprio fracasso.

Nesse sentido, a pesquisa contribuiu para a compreensão acerca da necessidade do profissional ter clara a noção de seu papel frente às dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar, uma vez que não se pode desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as oportunidades reais que determinada sociedade possibilita às diversas classes sociais.

O ambiente em que a criança está inserida influencia diretamente em suas experiências e aquisição de conceitos e conhecimentos acerca do mundo, por isso o desenvolvimento não depende apenas da maturidade, mas dos resultados e aprendizagens construídas ao longo da vida.

Observa-se, portanto, que a aprendizagem deve ser tratada como algo a ser conquistado pelo aluno, a partir de práticas pedagógicas adequadas às reais necessidades de aprendizagem dos alunos. Além disso, os fatores externos, em especial a família, muito podem contribuir neste processo, já que a criança passa boa parte de seu tempo no seio familiar. Assim, é de fundamental importância uma integração entre profissionais da educação e família para que seja possível que além de realizar um trabalho em conjunto seja também possível identificar aspectos relevantes da vida da criança que possam influenciar na aprendizagem.

Portanto, compreende-se que nem todas as crianças inseridas em um mesmo processo de ensino aprendizagem situam-se no mesmo momento do processo evolutivo e que por isso suas aprendizagens e dificuldades serão diferentes. Assim, faz-se necessário que educador e escola tenham consciência de que o sucesso na escola depende das condições em que ela receberá os conhecimentos.

4. REFERÊNCIAS

BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima e seus pilares**. 7.ed. Saraiva, 2014.

BRASIL, Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996** (Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional). São Paulo: Editora do Brasil, 1996.

_____, Presidência da República. **Constituição Federal de 1988**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1988.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Raízes e Asas**: 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FERNANDES, Firmino. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem**. Vetor Editora PsicopedagogiaLtda, 2016.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro; BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo: **Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha - ES: ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Autonomia da escola**: princípios e propostas. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

MELLO, Guiomar Nano de. **Educação e Sentimento. É preciso discutir essa relação**. In: Revista Nova Escola, Outubro/2014.

NUNES, Leonília de Sousa. **Escuta sensível do professor**: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil. Dissertação de Mestrado. Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O símbolo e o brinquedo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução Daniel Aarão Reis Filho. 4.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular Ltda., 2005.

REGO, Teresa Cristina. **A origem da singularidade humana na visão dos educadores**. Campinas: Cadernos CEDES, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Estudos da Infância e sociedade contemporânea**: desafios conceituais. O Social em questão, Rio de Janeiro, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2014.